

Seção: Artigo

Trilha: Multiletramentos

Luciano Dias de Sousa
ICEB – SER Minas Gerais
poesiaeci@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0001-6878-8453>
<http://lattes.cnpq.br/4506244853894578>

Marcos Antonio Pereira Coelho
Universidade Estadual do Norte
Fluminense Darcy Ribeiro
maredumig@gmail.com
<http://lattes.cnpq.br/9650423837412921>

Contribuição dos(as) autores(as):
Luciano Dias de Sousa:
Metodologia, conceituação e escrita.
Marcos Antonio Pereira Coelho:
Metodologia, revisão e edição.

Este trabalho está licenciado com uma
licença *Creative Commons* Atribuição
4.0 Internacional



Esta licença permite que os/as
usuários(as) do seu material possam
distribuir, remixar, adaptar e criar a
partir do material criado por você,
mesmo que seja para fins comerciais,
mas desde que quem usar atribua o
devido crédito pela autoria inicial da
obra.



A NORMA CULTA NA ESCOLA: reflexões teóricas

Resumo

O objetivo do estudo é promover uma reflexão acerca do ensino da norma padrão culta na escola e a importância da gramática, tendo como base os conceitos sobre o uso língua materna e o processo de ensino-aprendizagem no cenário escolar. É preciso entender o conceito de gramática e o que resulta no trabalho docente, tais como os rumos da própria aplicação de elementos linguísticos gramaticais e sua validade diante dos objetivos propostos hoje e estabelecidos em sala de aula para o ensino de Língua Portuguesa. A língua, de fato, transcende sua característica imane de instrumento de comunicação e se associa a fatores políticos, ideológicos, econômicos, culturais, entre outros. No que tange o trabalho em sala de aula, ensinar e aprender uma língua vai além da perspectiva da gramática e do estudo das palavras, das frases e das regras de forma descontextualizada. Nesse sentido, qual a importância de ensinar gramática e o uso da norma padrão culta na escola? Como ensinar língua materna agregando valores sociais? Para nosso estudo, a abordagem é exploratória bibliográfica de embasamento teórico de Bagno (2009) Bortoni -Ricardo (2021), Antunes (2007), Possenti (1998) entre outros autores que contribuem discursivamente com o tema. Trazer uma reflexão sobre aspectos relacionados à formação docente e ao ensino da Língua Materna, contribuições e possibilidades para o encaminhamento de ações que visem à superação do fracasso escolar e o ensino e aprendizagem.

Palavras-chave: norma culta, língua portuguesa, gramática, ensino-aprendizagem.

1 Introdução

Existe uma crença, popularizada pelos próprios usuários do idioma, mas não comprovada de forma científica, de que o português é a língua mais difícil que existe por ser cheia de regras desnecessárias e de escrita complicada. Essa crença, na dificuldade insuperável do usuário da língua, ainda utiliza como argumento que nossa gramática agrupa um conjunto enorme de regras e sua estreita ligação com a falência do sistema educacional do Brasil.

Marcuschi (2009) afirma que cada indivíduo traz uma opinião relativa ao assunto da língua portuguesa, a verdade é que todos nós passamos pela escola adquirindo um conhecimento pessoal sobre o assunto. E alguns estudiosos do tema defendem que não há um erro de português, que não existem formas “certas” ou “erradas”. E em decorrência desse fato há muitas pessoas que acreditam não saber falar e nem a linguagem escrita do português padrão e culto.

A língua, de fato, transcende sua característica imanente de instrumento de comunicação e se associa a fatores políticos, ideológicos, econômicos, culturais, entre outros. No que tange o trabalho em sala de aula, ensinar e aprender uma língua vai além da perspectiva reducionista do estudo das palavras, das frases e das regras gramaticais de forma descontextualizada. Esse fato é tão relevante que os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) preconizam um ensino de português previsto por habilidades e competências de dimensões social e cultural (Brasil, 2000). De forma geral, ressaltam, como princípio, o fato de que a língua se desenvolve a partir de suas características contextuais, funcionais e pragmáticas, vinculadas ao uso social que cada agente locutor atinge em interação com seu interlocutor, e vice-versa.

Na escola, a sala de aula provoca a confluência de múltiplos caminhos de saber e as mais plurais visões em relação ao ato de ensinar Língua Materna. Uma das muitas dificuldades que desafiam o trabalho escolar com a Língua materna, certamente, está na adequada compreensão do que seja o padrão linguístico ideal a ser atingido pelo aluno, na sua trajetória, desde a chegada à escola até o estágio em que deve ser considerado competente no uso da variedade prestigiada, tanto na modalidade oral quanto na escrita.

Nesse sentido, qual a importância de ensinar gramática e uso da norma padrão culta na escola? Como ensinar língua materna agregando valores sociais? Para nosso estudo, a abordagem é exploratória bibliográfica de embasamento teórico de Bagno (2009) Bortoni-Ricardo (2021), Antunes (2007), Possenti (1998) entre outros autores que contribuem discursivamente com o tema.

2 Língua padrão e gramática na escola

A dificuldade e complexidade de uso de nossa Língua Portuguesa na oralidade e escrita, manifestado pelos alunos de forma geral, continuam provocando preocupações e discussões entre professores e estudiosos. Nesse sentido, refletir sobre aspectos relacionados à formação docente e ao ensino da Língua Materna pode contribuir para o encaminhamento de possíveis ações que visem à superação do fracasso escolar. Para isso, o docente não pode ser apenas um mero reproduzidor de conteúdos programáticos fora da realidade do aluno, ou seja, somente o estudo da nomenclatura gramatical, deixando de propiciar aos seus alunos momentos de uso efetivo da Língua Materna e de identidade linguística.

O caráter de heterogeneidade inerente a todas as línguas responde, em qualquer comunidade linguística, pela existência de diferentes falares e registros. Como consequência da organização das sociedades em grupos de diversificadas condições socioeconômicas; essas variedades linguísticas entre os membros da sociedade acabam se revestindo de certo caráter valorativo, que reflete a hierarquia desses grupos sociais. De acordo com Bortoni-Ricardo (2021, p. 29),

Ao longo da história de seus falantes, determinada variedade, geralmente a usada pelos grupos de maior prestígio socio-político, é elevada à condição de língua padrão, ou seja, é padronizada, especialmente no uso da modalidade escrita, por meio da gramática, dicionários e vocabulários ortográficos. Essa variedade padronizada passa a ser ensinada na escola e é usada com principal código na literatura.

Isso significa que determinados falares são mais desvalorizados do que outros, segundo seus falantes pertençam a uma classe econômico-social mais ou menos privilegiada. Daí a reflexão da necessidade em ensinar, respeitando a diferença e as variações da Língua Materna. O caráter de heterogeneidade inerente a todas as línguas responde, em qualquer comunidade linguística, pela existência de diferentes falares e registros com valor comumente também manifestado no uso da linguagem.

Cientistas que têm se voltado para as múltiplas dimensões da identidade social e status quo e também para os variados papéis sociais pelos quais os falantes transitam fazem uma distinção entre dimensões ou fatores de cunho sociodemográfico e aqueles referentes à produção do discurso. Os primeiros são de natureza identitária enquanto os últimos são de natureza funcional (Bortoni-Ricardo, 2021, p.59).

Ao identificar falantes advindos da zona rural, os falantes das periferias dos centros urbanos e a dos grupos letrados; enfim, cada uma delas correspondendo aos valores socioculturais

específicos da comunidade que a utiliza. Tais normas agregam à expressão linguística esse tipo de valor inerente à sua comunidade. A norma culta, nesse caso, corresponde aos usos linguísticos do grupo social situado no extremo do contínuo do letramento e que se caracteriza pelo convívio com práticas sociais de uso formal da fala e da escrita.

A linguagem é um trabalho social e histórico que se constitui para comunicação. Já, a interação são acontecimentos singulares no interior e nos limites de uma determinada formação social, sofrendo as interferências, os controles e as seleções impostas por esta. Nenhuma interação se dá fora do social. A historicidade da linguagem é o movimento que se dá na história, pelo trabalho de sujeitos, são as transformações. É evidente que se faz necessária uma nova postura diante dos educandos, para que não sejam apenas receptores de informações ou reprodutores de modelos já estruturados.

De acordo com Antunes (2007) escola precisa saber de que forma o estudo das regras poderão influenciar o cotidiano do estudante bem como sua prática de leitura e escrita e como isso vai ajudá-lo na ampliação de sua competência comunicativa.

Língua e gramática podem ser uma solução: se damos à gramática a função que de fato ela tem: nem mais nem menos; se reconhecemos seus limites; se a enquadrarmos na sua justa valoração; nas suas justas medidas e aceitamos sua insuficiência frente à necessidade de outros saberes e de outras competências. Língua e gramática podem ser uma solução se sabemos ter olhos de ver bem de longe e enxergarmos uma travessia não totalmente pronta, mas que se vai fazendo; se cremos que há muito o que fazer nas aulas, envolvendo a gramática em atividades de análises, de leitura, de escrita, de oralidade; propondo perspectivas interativas e diferentes modos de expressão; desfazendo preconceitos e valorações discriminatórias (Antunes, 2007, p. 160).

O professor de Língua Portuguesa deve ensinar que existe tanto a linguagem informal, como a formal, para que seus aprendizes possam se utilizar de cada maneira de expressões em seus devidos ambientes. Também deve ensinar a necessidade da comunicação, para que o aprendiz esteja alerta quando será o momento correto para a utilização das variedades linguísticas, qual o momento de utilizar linguagem formal ou informal. Ou seja, o profissional da educação precisa orientar o caminho sobre a importância do domínio da língua. Dessa forma os indivíduos estarão capacitados para interpretar o mundo a sua volta discernindo os diversos padrões da linguagem.

Em face dessa percepção, cabe ao professor, como mediador da aprendizagem, focar seu trabalho na busca de um horizonte maior, que ultrapasse os limites gramaticais e insira o alunado no mundo da leitura e da produção oral e escrita. Embora saibamos que o uso da gramática tem por

objetivo imediato refinar a habilidade de escrita e leitura, ela desenvolve competências que permitem que o indivíduo saiba escutar, entender, falar, criticar e expor suas ideias de forma clara e objetivas.

(...) talvez deva repetir que adotassem qualquer dúvida o princípio (quase evidente) de que o objetivo da escola é ensinar o português padrão, ou, talvez mais exatamente, o de criar condições para que ele seja aprendido. Qualquer outra hipótese é um equívoco político e pedagógico. A tese de que não se deve ensinar ou exigir. O domínio do dialeto padrão dos alunos que conhecem e usam dialetos não padrões baseia-se em parte no preconceito segundo o qual seria difícil aprender o padrão. Isto é falso, tanto do ponto de vista da capacidade dos falantes quanto do grau de complexidade de um dialeto padrão. (Possenti, 1998, p.17)

A Língua precisa ser vista ou entendida como algo em constante transformação, cria e recria-se a todo o momento, resultado das interações entre os sujeitos. É indispensável esse olhar crítico do professor frente ao ensino da gramática, para que possam ministrar um ensino de maneira eficiente.

3 Gramática e textualização

O ensino de gramática nas aulas de Língua Portuguesa tem sido frequentemente abordado como uma das possíveis causas do fracasso apresentado pelos alunos na aprendizagem e desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita. Durante anos, professores têm embasado seu trabalho no ensino das regras gramaticais e isso não tem sido suficiente para alavancar o nível de aprendizagem e autonomia no uso dos recursos disponibilizados pela língua.

Cabe ao professor, portanto, se inteirar dos estudos teóricos e verificar qual se aproximar mais de sua realidade e usá-los como auxiliares no aperfeiçoamento de sua prática pedagógica. Para isso torna-se imprescindível que o profissional esteja consciente de suas responsabilidades e tenha como propósito proporcionar uma aprendizagem eficaz levando o corpo discente a se apropriar de uma aprendizagem plenamente significativa.

Segundo Bagno (2013), para entender a gramática é preciso realizar por meio de uma investigação da língua autêntica, viva, que circula no cotidiano, e do patrimônio literário do idioma. Para se conhecer o que de fato existe como regra gramatical no português brasileiro contemporâneo.

Para entender a gramática – As teorias linguísticas contemporâneas vêm oferecendo uma série de conceitos fundamentais para boa compreensão do funcionamento das línguas humanas em geral. São noções como a ordem das palavras, o entrelaçamento de sintaxe,

semântica e pragmática: o cruzamento de sintagma e paradigma; as construções de tópicos; a oposição verbo-nominal entre várias outras (Bagno, 2013, p.14).

Dessa forma, cabe ao professor, como mediador da aprendizagem, focar seu trabalho na busca de um horizonte maior, que ultrapasse os limites gramaticais e insira o alunado no mundo da leitura e da produção oral e escrita.

Para Neves (2021, p.49), sobre a gramática escolar,

A língua em uso oferece complicadores no nível semântico e no nível pragmático-discursivo. E é a língua em funcionamento que tem de ser objeto de análise em nível pedagógico, já que a compartimentação da gramática como disciplina desvinculada do uso da língua tem sido um dos grandes óbices à própria legitimação da gramática como disciplina com lugar no ensino da língua portuguesa.

Entende-se, portanto, que a análise e reflexão sobre a língua se assumem como aspectos fundamentais para desenvolver a consciência linguística dos alunos, de modo a transformar o seu conhecimento implícito sobre a língua num conhecimento explícito.

Muitos linguistas e educadores compartilham a tese de que a aprendizagem e a prática da análise gramatical não têm qualquer influência na ampliação e aperfeiçoamento da competência linguística do estudante; eles argumentam que a leitura e a escrita são habilidades que se adquirem sem necessidade de teorização, simplesmente com a prática. Essa tese é praticamente tão antiga quanto a que apregoa o contrário dela, mas sempre contou com um número maior de simpatizantes. A promessa de “aprender com a prática”, sem teoria ou terminologia, é sempre sedutora, porque se trata de um modelo de aprendizagem em que se confundem o processo e produto (Azeredo, 2018, p. 19).

O ensino da gramática torna-se ainda necessário para o desenvolvimento das competências de linguagem na medida em que à instrução gramatical são atribuídas funções: oferecer aos alunos o conjunto de regras e de conhecimentos sobre a língua e um conjunto de conhecimentos teóricos sobre a linguística e sobre a estrutura da língua; de forma contextualizada, sem dissociar a gramática do texto.

É através do contato com vários textos e diversos recursos que circulam no meio social que permite o desenvolvimento da capacidade da língua por parte do aluno, possibilitando pensar no texto como objeto de conhecimento e verificar as características peculiares deste objeto. Ao mesmo tempo em que é esta a capacidade que lhe garante a identificação e diferenciação dos estudos da Língua Portuguesa, ou seja, não é preciso estudar gramática pela gramática, e sim, a leitura de uma diversidade de textos. Por isso, a necessidade de pensar também em um trabalho em sala de aula, que envolva os seguintes objetivos:

- ⌚ Conscientizar os alunos sobre as diferenças linguísticas coexistentes no Brasil;
- ⌚ Produzir, nos alunos, um sentimento de respeito à diversidade linguística;
- ⌚ Propiciar-lhes o domínio dos recursos linguísticos para o uso da norma culta;
- ⌚ Possibilitar-lhes a constatação da existência de variedades mais prestigiadas socialmente e quando devemos utilizar.

Travaglia (2009) propõe que a gramática seja vista como um estudo das normas sociais de uso nas diferentes situações. Pois a sociedade estabelece uma espécie de etiqueta social para uso da língua e certas formas são mais ou menos valorizadas. Por essa razão tais formas devem ou não ser empregadas em determinadas situações. Assim, devemos pensar nos objetivos e resultados que propomos em estudo de determinado tópico gramatical em sala. A gramática não precisa ser realizada a partir de atividades tradicionais, mas com tarefas em que o aluno perceba o que seja um bom texto, como é organizado, quais são os elementos que conectam palavras, frases, parágrafos, retomando e aperfeiçoando suas ideias.

Portanto, os alunos devem ser levados a interpretar as funções exercidas pelos elementos do texto, e os exercícios devem ser pautados pela gramática em uso. Sendo que o caminho indicado para capacitar o aluno na produção de textos e também o conhecimento da norma padrão é o frequente uso da leitura e escrita.

4 Considerações finais

Todos os falantes se expressam dentro de seu contexto socioculturais, igualmente legítimas como meio de interação entre os membros da mesma comunidade, a existência de uma variedade considerada melhor – a culta – demonstra que, de fato, por trás da questão linguística, existe outra de caráter ideológico. Numa sociedade em que o acesso aos bens culturais exige o domínio de uma só variedade linguística, a da classe dominante, a língua deixa de ser apenas instrumento de interação e ação sobre a realidade para ser também um instrumento de exclusão social.

O ensino de Língua Portuguesa sempre foi muito discutido nos ambientes educativos, pois, sabe-se que nas escolas ainda persistem as regras gramaticais, ou seja, são trabalhados desenvolvidos em torno de conjunto de elementos gramaticais isoladamente, fora do contexto que não contribuem para um aprendizado eficaz. É sabido que não é necessário eliminar, nem memorizar e nem repetir as regras gramaticais, mas utilizá-las de forma interativa e dinâmica para a

construção do conhecimento.

A forma como o professor concebe a linguagem é outra questão fundamental para os encaminhamentos do processo de ensino e de aprendizagem em relação à língua materna. A escolha do material didático e a forma de avaliar a produção dos alunos são alguns exemplos das implicações diretas do conceito de língua aplicado na sala de aula.

Para isso, é necessário o professor atuar em sala de aula e se envolver com o processo de ensino-aprendizagem, pensando sobre ele, fazendo uso de estratégias que estão presentes no próprio modo de usar a língua que ensina, sendo elemento ativo, participante e construtor.

Referências

ANTUNES, Irandé. **Gramática contextualizada: limpando “o pó das ideias simples.”** São Paulo: Editora Parábola, 2014.

ANTUNES, Irandé. **Muito Além da Gramática: Por um ensino de gramática sem pedra no caminho.** São Paulo, Parábola Editorial, 2007.

AZEREDO, José Carlos de. **A linguística, o texto e o ensino da língua.** São Paulo: Editora Parábola, 2018.

BAGNO, Marcos. **Gramática de bolso do Português Brasileiro.** São Paulo: Parábola Editorial, 2013.

BAGNO, Marcos. **Preconceito Linguístico: o que é, como se faz.** São Paulo: Loyola, 2009.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Português Brasileiro, a língua que falamos.** São Paulo: Editora Contexto, 2021.

BRASIL. MEC. **Parâmetros Curriculares Nacionais. Parte II. Linguagens, códigos e suas tecnologias (Ensino Médio).** Brasília: MEC/SEE, 2000.

MARCUSCHI, Luiz Antônio. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão.** São Paulo: Parábola, 2009.

NEVES, Moura Maria Helena de. **Gramática na escola.** São Paulo: Editora Contexto, 2021.

POSSENTI, Sírio. **Por que (não) ensinar gramática na escola.** São Paulo: Mercado de Letras, 1998.

TRAVAGLIA, Luis Carlos. **Gramática e interação: uma proposta para o ensino e gramática.** São Paulo: Editora Cortez, 2009.